FRANCISCO COSTA

O futebol na ponta da caneta

O futebol só admite dois sentimentos fortes e antagônicos: o amor e o ódio. No país do futebol, como se autoproclama esta terra, em época de copa do mundo todo mundo vira torcedor - homens, mulheres, crianças. Pró ou contra a seleção, não importa. Pró ou contra o futebol, torce-se a dar com marreta. A indiferença fica muito pálida diante do monumental armazenamento de euforia, expectativa, preparados para a ocasião. É um momento excepcional, que se repete de quatro em quatro anos. Mas independentemente de copa ou não-copa, há o clima corriqueiro, dos campeonatos regionais, que dá ao futebol o estatuto de esporte das legiões, com torcidas portentosas entupindo estádios, gritando mantrans de guerra, desfraldando bandeiras gigantescas que aparentemente condensam a alma do time.

Assim, a cada fim-de-semana todo cidadão é confrontado pelo resultado do seu clube, e aí os mais tímidos que se cuidem, porque o torcedor é antes de tudo um implacável. Aliás, mede-se o amor de um torcedor pelo empenho com que ele defende seu time durante a semana, equivalente normal ao ataque desferido contra as cores adversárias. Basta dizer que é um esporte em que se você mantiver uma atitude britânica (ingleses que, diga-se de passagem, batem feito cavalo), cavalhei-

FRANCISCO COSTA é jornalista e editor-executivo da *Revista USP*.

resca, com os adversários, as pessoas te olham com desconfiança.

Daí o pererequê da crítica especializada, que vive sempre numa corda bamba. Imagine-se a situação: o locutor torce para o time A e é obrigado a narrar um gol do time Y, como aconteceu com o locutor oficial (e único brasileiro) Gagliano Neto naquele fatídico Brasil 1x3 Itália, pela copa de 38, que desclassificou o Brasil. Todo mundo ficou falando que Gagliano quase torceu como um "*tifosi*" pela "*azzurra*". O futebol é assim, é denunciado pela voz. No comentário, a mesma coisa. Basta se observar alguma coisa "contra" o time D e a torcida espuma: "torce pro Z, eu não disse?".

Com a entrada da TV no jogo de lance da pelota, as coisas se problematizaram ainda mais. Isso porque o torcedor está vendo, ali, ao vivo, o que está acontecendo em campo. Ou seja, de sujeito passivo dependente de uma locução , sem imagem, ele ganhou mais autonomia - está torcendo "quase" no estádio. Experiência radical, de limite, da nova abordagem do futebol, aconteceu em 70, no México, com a primeira copa transmitida ao vivo a 90 milhões (como se dizia na época) de brasileiros boquiabertos, por um "pool" de emissoras e locutores (talvez a aura da seleção de 70 venha exatamente da TV). Foi o primeiro escrete flagrado em pleno movimento, além de equipe para além de qualquer elogio.

Se o futebol é um verdadeiro nó cego na vida das redações, pelo fato simples de que todo mundo é torcedor (ou destorcedor, dá no mesmo), durante os anos deste século ele também mexeu com os escritores, grupo de indivíduos sensíveis a qualquer tipo de fenônemo e a transformá-lo em linguagem. Os atletas da linguagem, escritores e poetas, quando não cronistas militando na imprensa, não foram exceção. E como todos os mortais, esse grupo pode ser dividido tranqüilamente em dois, claro: os que amam o futebol e os que o odeiam.

O segundo time, no Brasil, tem como representantes ilustres pelo menos um trio de atacantes que defesa nenhuma gostaria de ter pela frente: Lima Barreto, Graciliano Ramos e Oswald de Andrade. Biliosos efervescentes e cerebrais, em suas vidas de cronistas dispararam verdadeiros "*scuds*" contra o futebol. Afonso Henriques de Lima Barreto é o primeiro, cronologicamente. Lá

OSWALD DE ANDRADE

pelos idos de 20 (quase Modernismo), desferiu uma crônica na cabeça da geral intitulada "Uma Conferência Esportiva" (1): "No último sábado, no salão nobre da Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés..." Por aí já se sabe o que pensa o escritor de *Isaías Caminha* sobre futebol. Passa ele então a palavra a um tal de Francoso Hell Jacuencanga, que faz uma conferência sobre "A Educação Física, o *Football* e suas *Conquistas* e Progressos entre Nós".

É preciso dizer que por essa época se instalava no país a idéia de cuidado do corpo pela educação física (isso está no texto de Graciliano também, mais à frente), santo remédio ao brasileiro, que é franzino, mirrado etc., uma das mitologias do Brasil que entra na década de 20. Lima Barreto, como se verá, está de olho na selvageria que percorre os estádios ("sejam eles de elite ou não"). O autor cita Francoso: "Uma das primeiras *vantagens* (grifo meu) que obtivemos com o 'football' foi armar uma rixenta rivalidade entre o Rio e São Paulo, coisa que só é sentida por nós, os olímpicos". Esse tom já é de ficção. A coisa se firma ainda mais quando ele enumera como coisa positiva uma desavença com os uruguaios (que apanharam no placar e na briga) comentada até por um ministro cisplatino. Nos estádios se briga, se põem à prova os músculos, o futebol provoca até suicídios, os mais fracos organicamente pere-

1 Lima Barreto, "Uma Conferência Esportiva", in Ricardo Ramos (org.), *A Palavra... é Futebol*, São Paulo, Editora Scipione, 1993, 2ª edição, p. 8.

cem. Lima Barreto é raivoso com o futebol e seu raio X da arquibancada parece coisa do noticiário da semana.

A diatribe de Graciliano Ramos, o grande escritor de Palmeira dos Indios, não voa pelos ares da ficção, antes se mantém no limite estrito do rés do chão. O escritor alagoano sustenta com unhas e dentes que a educação física não vingará no país, muito menos o futebol ("Dediquem-se à rasteira, rapazes"). O início de uma das crônicas de *Linhas Tortas* é admirável:

> "Pensa-se em introduzir o *football* nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público que, de ordinário, adora novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente. Com exceção de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha que é capaz de durar bem um mês"(2).

Erra na previsão, mas acerta no texto. Graciliano é assim, sangüíneo, brabo.

Também Oswald de Andrade, o mesmo que perdia um amigo mas não a piada, andou metido num sarrilho envolvendo futebol. Polêmica famosa com outro escritor, José Lins do Rêgo, intrépido torcedor do Flamengo. Numa crônica intitulada "Carta a um Torcida" (3), o bom e velho Oswald passa uma descompostura "sociológica" e neurastênica no autor de *Fogo Morto*:

> "Foram lhe dizer, consta, que eu envenenara aqui a brilhante polêmica que você manteve com um cronista esportivo sobre um beque do Corinthians. Eu teria dito no calor da controvérsia que você ofendera São Paulo, o que deixava de ser plausível, pois você possui uma tal finura que quando abraça produz equimoses e quando quer valorizar o nome arrevezado do seu grande amigo, aquele que foi secretário do primeiro ditador da Europa, chama-o de Otto Rino Laringo Maria Carpeaux".

Segue nesse tom o artigo. Caio Túlio Costa, na orelha do livro, diz que se a crítica brasileira continuasse a ter contendores tão bons quanto Oswald, o nível do debate hoje, neste país, seria outro - alto -, o que leva a crer que uma certa barretada à lusitana, de certa forma, está liberada.O que, de resto, está correto.

NELSON RODRIGUES

Onde está a neurastenia de Oswald? Aqui: "Que resta aos futebolers em declínio senão o mesmo futuro de invalidez e fome que fez, em Portugal, os toureiros aposentados pechincharem tostões, de muleta, no crepúsculo agitado dos redondéis" - escreve ele num momento incrível de lágrima ao canto do olho, a lágrima que ele tanto combateu.

Com Oswald se encerra o circuito dos contras mais ilustres, um triunvirato sólido, com direito a líbero alemão jogando atrás da zaga. Agora vamos ao segundo tempo desse jogo, de encontro aos escritores que amaram o futebol e que fizeram dele ou peça de criação ficcional ou crônica com pincel de arte. Vamos aos homens que se aturdiram e entusiasmaram com o jogo, que viram com aguda amplitude seus encantos, seus dramas, suas diferentes emoções, e colocaram tudo isso em palavras. Homens que encontraram neste esporte uma sintonia fina da alma nacional, uma espécie de identidade de um povo que não sabe pensar ou sentir muito bem sem que os limites das quatro linhas interceda (pró ou contra, não importa).

2 Graciliano Ramos, "Linhas Tortas", in op. cit., p. 24.

3 Oswald de Andrade, "Carta a um Torcida", in *Ponta de Lança*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1991, p. 44.

OS FUTEBÓIS

O nome deles é legião. Dizer que intelectual não torce é dizer meia verdade (a outra ponta da história é aquela piada que diz que o mal do intelectual brasileiro é que ele não sabe bater um escanteio). Numa crônica antológica de Paulo Mendes Campos, "Passe de Letra" (4), ele trata de uma pelada de praia disputada entre os intelectuais de Copacabana e Ipanema (ele jogou para Copacabana). O autor diz que esse jogo fora tratado primeiro por Rubem Braga, um "beque ríspido". Estão listados: o próprio Mendes Campos, Aníbal Machado, Vinícius de Moraes, o pintor Di Cavalcanti e Augusto Frederico Schmidt. Ele conta que no jogo memorável, Vinícius, "platônico da bola", logo se cansou e foi "ficar com as moças". Comenta que Di Cavalcanti era um "esfuziante goleiro", que dizia o tempo todo que a bola tinha passado por cima do travessão imaginário. Na mesma crônica Paulo Mendes Campos trata Rosário Fusco e Cyro dos Anjos como "ressentidos do futebol" - diz que conversou com cada um e ambos se mostraram goleiros frustrados.

Toca no nome de Mário de Andrade, o autor de *Paulicéia Desvairada*."Era um entusiasta do futebol! Queixava-se dos trezentos e cinqüenta compromissos que o impediam de ser assíduo aos estádios... Mário tinha especial predileção pelo estilo do famoso centromédio Brandão. Dizia, com sua inflexão enlevada: 'É um ma-ra-vi-lho-so bailarino'". Brandãozinho, por sinal, é citado por Jô Soares num livro recente, de que trato adiante.

Não poderia faltar, evidentemente, José Lins do Rêgo, na crônica de Mendes Campos, que conta um episódio de sua vida de torcedor:

> "Uma vez, no campo do Vasco, durante um sururu, a Polícia Especial atirou o corpulento romancista por cima do alambrado. Zé Lins costumava dizer, depois disso, que passou a ser o homem mais valente do Rio de Janeiro, pois no inquérito figurou como agressor da Polícia Especial".

Há alguns anos, entrevistando o escritor português José Cardoso Pires, pilar do movimento literário que no seu país recebeu o nome de Geração de 45, ou Neo-Realista, o autor de *O Delfim* me afirmou que seu interesse por futebol nasceu lendo as crônicas esportivas de José Lins, e que foi a partir daí que ele se tornou um "comentarista de bancada". Desde então me pergunto por que cargas d'água ninguém nunca editou as crônicas do autor de *Menino do Engenho*? Prestariam um grande favor ao leitor e ao torcedor de futebol do país.

Continuando a lista, se o livro que contém esta crônica de Paulo Mendes Campos e cuja autoria é de Ivan Cavalcanti Proença, *Futebol e Palavra* está esgotado, o mesmo não acontece com *A Palavra é... Futebol*, organizado por Ricardo Ramos. É nele que estão os textos de Graciliano Ramos e Lima Barreto citados aqui. Deixando de lado o deslize de faltarem datas para situar melhor o leitor dentro dos acontecimentos, o volume é precioso pela qualidade dos autores e textos: João do Rio, Antônio de Alcântara Machado, Orígenes Lessa (o tocante "O Esperança Futebol Clube"), Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, João Antônio e Luiz Vilela (o dramático "Escapando com a Bola").

Um dos pilares da poesia concreta, Décio Pignatari, além de fã ardoroso do futebol, também escreveu sobre o assunto, com seu "*feeling*" particular. Em *Contracomunicação* (5), onze crônicas sobre futebol formam uma das melhores seções do livro (atenção para "Ademirável da Guia"). Pignatari, não por acaso, participou de um jogo de notáveis promovido recentemente pela revista *Playboy*, como técnico - para ele, Oswald entendia mais de futebol que Mário, e os dois entendiam pouco.

A "NOVÍSSIMA" GERAÇÃO

É muito curioso que o rádio seja novamente revalorizado dentro do mundo do futebol, num momento em que a rede Globo, por exemplo, usou o serviço de dois satélites na copa dos EUA (para não falar de toda a parafernália e do pessoal da imprensa escrita, que para lá voou). E é do tempo do rádio que algumas das melhores peças sobre o futebol foram escritas.

E o talvez maior crítico de futebol surgido até hoje nesta terra, não por acaso, foi o autor de nosso teatro trágico. Nelson Rodrigues foi torcedor fanático do Fluminense, jornalista roxo e patriota idem.

4 Ivan Cavalcanti Proença, *Futebol e Palavra*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981.

5 Décio Pignatari, *Contracomunicação*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2ª edição, 1973.

Se a crônica é um gênero da literatura marcado pelo cotidiano, Nelson elevou essa mesma crônica à categoria de ficção pura. A maioria de seus textos sobre futebol começa da mesma forma, "meus amigos", e marcaram com vinco expressões como: "o óbvio ululante", "poente de folhinha", a "grã-fina de narina de cadáver" (que tanto tem sido lembrado), ou o antológico "o Maracanã vaia até minuto de silêncio". Leitor, veja como o monstro começa seu primeiro texto de *A Pátria em Chuteiras*, cuidadosamente organizado por Ruy Castro, para a Editora Companhia das Letras. Veja só:

> "Fui, domingo, a Alvaro Xaves (*campo do Fluminense*). E não resisto à tentação de fazer, ainda uma vez, a apologia do campo pequeno. Ele apresenta vantagens consideráveis: - antes de mais nada é aconchegante e cálido como um galinheiro. No Maracanã, há entre nós e o jogo uma distância irredutível... Já no campo pequeno, todos os caminhos estão abertos para a emoção direta e integral" (6).

Já é famosa a crônica em que pela primeira vez se dimensionou a postura de Pelé em campo, utilizando Nelson a palavra majestade para qualificá-la. Nelson nunca foi contradito nisso, pelo contrário. Eis algumas outras expressões menos conhecidas que ele usou para Pelé ao longo dos anos: "doce crioulão", "víbora de túmulo de faraó", "sublime crioulo". Sobre o companheiro de Pelé no Santos, o centroavante Coutinho, o autor de *Os Sete Gatinhos* escreveu o seguinte:

> "Mas Coutinho tem contra si o nome. O sujeito que se chama apenas Coutinho dá logo a idéia de um pai de família, de Aldeia Campista, Vila Isabel, Engenho Novo, com oito filhos nas costas e a simpatia pungente de um barnabé. Pois bem, apesar de chamar-se liricamente Coutinho, o meu personagem da semana é um Drácula, um 'Vampiro da Noite' do futebol" (7).

Nelson é um trágico, um autor que vê a bola, o estádio, os jogadores, o juiz, os bandeirinhas, o público, os locutores e os críticos, como elementos de um drama, uma tragédia, que se desenrola no gramado. Um drama que não se repete, perfeito em sua forma plástica e emocional. Seus artigos são expressões de forma do dramaturgo fervoroso, do torcedor idem. Ele não resiste e faz, como todo cronista, às vezes, descrições sumárias de lances monumentais. Por exemplo, aquele gol contra a Inglaterra pela Copa do México de 70, que talvez tenha sido o gol mais espetacular de todos os tempos, pela sua concepção - e que Nelson narrou pelo menos três vezes. Uma delas é esta: "Tostão recebeu de Paulo César e dribla um inglês, mais outro, outro mais. Em seguida vira para Pelé. Este entrega a Jairzinho, que ultrapassa um sétimo inglês e encaçapa" (8). Faltou complementar com o seguinte: que o lance foi pelo lado esquerdo do ataque brasileiro, que Tostão recebeu a bola no bico da grande área, avançou até a metade da mesma, sempre em direção à linha de fundo e então, quando a pressão já era demasiada ele soltou a bola para Pelé, que estava na meia-lua. O que aconteceu aí dá tese de pós-graduação, porque o crioulo pegou a bola e se livrou dela magistralmente, como se fosse batata quente. A zaga inglesa em pânico pulou em cima de Pelé, já sem bola. Ela estava com Jair, que entrava pelo lado direito no melhor seu estilo, embalado como um touro. Sir Gordon Banks, brilhante guarda-meta do esquadrão de sua majestade, recém-campeão mundial em 66, quando saltou já era tarde.

Voltando a Nelson Rodrigues, arrisco dizer que ele, na frase feita, não perde nem para Borges. Arrisco mais, arrisco dizer que no momento o único cronista que está fazendo alguma coisa nova em futebol é o Matinas Suzuki, com seu texto enviesado, elencando bizarrias, que junta alhos e bugalhos num caldeirão modernoso em que sempre sobra uma idéia. De certa forma, ele redesenhou a crônica esportiva. Matinas normalmente lustra a palavra com Kaol.

Não poderia deixar de mencionar o crítico bissexto Decio de Almeida Prado. Sobre Decio, - o leitor pode ler pelo menos dois de seus artigos nesta edição - é o único crítico que conheço que sustenta bravamente por "a mais b" que futebol se ganha na área e não no meio de campo. Outro az da crônica esportiva é João Saldanha, recentemente falecido e autor de um clássico, *Histórias do Futebol*. Nesse livro ele conta com pormenores a excursão do Botafogo à Venezuela, em 57, para um quadrangular.

6 Nelson Rodrigues, *A Pátria em Chuteiras*, textos selecionados e notas de Ruy Castro, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1994, p. 9.

7 *A Pátria em Chuteiras*, op. cit., p. 150.

8 Nelson Rodrigues, *À Sombra das Chuteiras Imortais*, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1993, p. 66.

Saldanha fala do cassino de jogadores que ele desmontou no quarto de um bailarino *gay* do hotel. ("Didi cheio de notas entre os dedos era o banqueiro".) O livro abre justamente com uma cena entre o técnico Zezé Moreira e Garrincha na zona do meretrício de Araguari:

> "'Lá vem ele, lá vem aquele miserável (grunhia Zezé)'. Garrincha vinha andando de mansinho, passando a mão no queixo, como se fosse barbudo, e olhando para os lados, como quem não quer nada. Quando chegou perto do caminhão, Zezé deu um salto, cercou Mané como quem quer tomar uma bola e perguntou:
> - Aonde você pensa que vai?
> Mané não piscou, não tremeu e respondeu calmamente:
> - Ô, seu Zezé. O senhor por aqui?
> - Tô aqui, sim. E você, que é que está fazendo aqui?
> - Bem, seu Zezé... quer dizer... eu estou procurando a mãe do Gato (jogador do Botafogo). O senhor não sabia que o Gato é daqui deste lugar?" (9).

Este era o Mané Garrincha que muita gente considerava debilóide. Zezé Moreira não conseguiu pegar o Mané - o que era o seu sonho. Nem Saldanha, que depois foi técnico do Botafogo.

O irmão de Nelson Rodrigues, Mário Filho, que deu seu nome ao maior estádio do mundo, o Maracanã, foi lembrado há pouco graças à Copa. A Companhia das Letras editou *O Sapo de Arubinha*, seleção de crônicas organizada pelo mesmo Ruy Castro (10). Mário é outro astro monumental. Seu texto respira uma sinceridade e uma leveza raras. O estilo é claro, simples, idéias aguçadas. Seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* é considerado um clássico na sociologia do futebol. Como o irmão, escrevia como ninguém:

> "É difícil saber qual o jogador ideal para o escrete. Há o tipo épico, como Bellini, e há o inclassificável Garrincha. Teoricamente Garrincha não podia nem ser jogador do escrete. Por quê? Talvez se pergunte, com pasmo até, já que ninguém discute que Garrincha tem de ir para o escrete. O fato de que não se discuta, pelo contrário, a escalação de Garrincha, mostra o quanto é vago, impreciso, o ideal de jogador do escrete. Quando se idealiza um jogador do escrete, como que se imagina um oposto de Garrincha. Não por causa das pernas tortas, embora, idealizando, não imaginemos um jogador do escrete de pernas tortas. É pela maneira de ser de Garrincha" (11).

Se Nelson pontua em cada linha construções palpitantes como "no ser humano tudo é cara e o resto, paisagem", ou o famoso "fazia um poente de folhinha", seu irmão Mário é mais preciso, o corte do texto mais geométrico, há o gosto nítido pelas definições. Por exemplo: "O brasileiro era aquilo, um pouco pernóstico, fosforescente" (sobre Leônidas da Silva); ou sobre a mania do brasileiro de ser "barroco" com a bola no pé: "Ainda hoje não falta jogador que trate de fazer um discurso ou recitar um soneto em plena partida".

Quando resolve ser irônico, Mário ainda é devastador. Veja como ele narra um "frango" do goleiro do Arsenal inglês (texto de 57), na que foi a terceira excursão de clube britânico ao Brasil:

> "... os ingleses tomaram todas as medidas contra o gol. Aquele gol não podia entrar. Era uma falta. Jair ajeitou a bola, os ingleses formaram uma barreira compacta, de lado, Jair só podia chutar em cima do arqueiro. E foi o que Jair fez. Swindin curvou-se, preparou-se para amortecer a bola antes de aconchegá-la ao peito. A bola, porém, na hora em que Swindin, parado, *fez assim* com as mãos (grifo meu), desviou-se e foi sacudir as redes do Arsenal! Os ingleses não aceitaram aquele gol... queriam jogar um futebol sem surpresas daquela espécie, lógico, matemático" (12).

Esse fragmento tem ingredientes de aula, hein. Mário Filho parte do sólido princípio de que o "fez assim" vai ser entendido por todo mundo, é a coisa mais natural do mundo. Mário escreve numa época em que ainda havia gestos corriqueiros decodificados por todos sem maiores problemas.

O último lance da crônica dos bambas é patrocinado por Armando Nogueira, Jô Soares e Roberto Muylaert, e trata das copas de 50, no Brasil, fatídica, e de 54, na

9 Livro originalmente com o seguinte título: *Nos Subterrâneos do Futebol*, Rio de Janeiro, Editora Revan, 1994, p. 17.

10 Mário Filho, *O Sapo de Arubinha*, seleção de textos e notas de Ruy Castro, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1994.

11 *Futebol e Palavra*, op. cit., p....

12 *O Sapo de Arubinha*, op. cit., p. 210.

Suíça. Se não são exatamente cronistas, são ótimos contadores de história. *A Copa que Ninguém Viu e a que Não Queremos Lembrar* é importante por vários motivos. Entre eles por apresentar didaticamente a catástrofe de 50, quando perdemos a final da copa para os uruguaios. O livro é muito bem ilustrado, o que parece pouco, mas comple-menta muito bem os depoimentos enxutos e sóbrios dos autores. Há sinceridade até nas fichas de crédito dos autores - Nogueira é botafoguense, Jô é flumi-nense e Muylaert, são-paulino.

ROBERTO MUYLAERT, JÔ SOARES E ARMANDO NOGUEIRA

Um ponto interessante do livro é a tese ga-lhofeira de Jô Soares sobre o futebol alemão:

> "A Alemanha joga um jogo parecido com o futebol, mas não é o futebol. Usam a mesma bola, o mesmo campo, o mesmo uniforme. É alguma prática esportiva ancestral teutônica, de nome desconhecido para nós, que eles perceberam que se encaixa muito bem no futebol e há anos vêm enganando a gente sem que a gente note. Tem alguma coisa de diferente na maneira de jogar do alemão. As regras são de futebol, os jogadores são de futebol, mas não é futebol. Tem algo ali, herdado dos hunos, que é diferente. A gente assiste pensando que é futebol e eles ficam lá, rindo da gente" (13).

FIM DE JOGO

Comecei o texto dizendo que o futebol só admite dois sentimentos, o amor e o ódio. Com eles também termino este artigo. Não há nenhum autor mencionado que estivesse a meio caminho entre um e outro sentimento. Vão me dizer: faltou um grande amante do futebol, como o Luís Fernando Veríssimo. Sim, faltou alguma grande história dele, claro. Também nada é perfeito. Perfeito mesmo era, a gente sabe agora, o drible do Mané nos joões, ou as arrancadas do Pelé, fulminantes, que acabavam em gol. Urros formidáveis do futebol.

PÊNALTIS

Com o tetracampeonato brasileiro nos EUA, mais uma vez sentimos a força da TV. Tivemos três dias de cão, a partir do início da copa até o escrete se lançar em campo, iniciando uma trajetória mirabolante que ainda não foi bem dimensionada, não apenas por estar ainda muito próxima, mas também pela qualidade avassaladora de emoções que ela contemplou a toda a população do país.

Na história toda, a TV foi fator decisivo. Patrocinou todos os jogos do torneio, enquadrou estilos, desfocou imagens, a ponto de nos tornarmos íntimos de jogadores de países como Bulgária, Nigéria ou Arábia. Uma avalanche de livros deve em breve chegar às livrarias, seja de cronistas especializados, seja de escritores apaixonados do futebol, que viram ou não a seleção jogar "in loco". Que venham. São benvindos. O público anda realista e carente de interpretações de um fenômeno que até antes da copa seria descartado como bastardo. Com a TV, o fenômeno se tornou não legítimo, mas legitimíssimo: o pênalti. Que para o brasileiro deixou de ser fantasma. Essa nova dimensão do pênalti afirma que somos, de fato, os melhores.

13 Armando Nogueira, Jô Soares e Roberto Muylaert, *A Copa que Ninguém Viu e a que Não Queremos Lembrar*, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1994, p. 99.